

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00. Estrangeiro 80\$00

EDITORIAL

DINAMIZADOR PRECISA-SE

7th May 1987.

My Dear Doctor Saraiva:

On 26th of March I set my friend Antonio Gomes Viana an aerograma to ask if there is someone in FAO/ESPOSENDE that speaks/reads/write english. My wife ADOZINDA finds it very difficult to find time to translate my letters into Portuguese. Please Doctor tell me if you know, or DO YOU converse in english? I want very much to write to you and thank you for wonderful editorial in your NOVO FANGUEIRO for 10 DE MARÇO. I enjoyed it very much and please excuse me if I am so very emotional, but at this very instant I have a football in my throat and tears in my eyes just thinking/talking/writing about FAO, forgive me. The many hours, the many days even years I lived in that little piece of EDEN, FAO are written and photographed in my mind and my heart, I could never forget if I lived as long or longer than METHUSELAH. Again, I thank you very much for the paper

respectfully

Edmund J. Rubano

A carta que nos foi enviada é da autoria, como se pode verificar, do simpático Ed, que entre nós permaneceu alguns anos, primeiro na companhia de sua esposa e de uma filha e depois sozinho. Fez aqui muitos amigos e cremos que esta amizade reforçou no Ed Rubano um amor inesquecível à nossa terra.

Repare-se no que ele efirma: «as muitas horas, os muitos dias e alguns anos que eu vivi nessa linda parte do Eden, Fão, ficaram gravados e fotografados na minha mente e no meu coração e eu jamais os poderei esquecer viva eu tantos ou mais anos quantos viveu Matusalém (tradução livre).

Muitos fangueiros e amigos de fão se esforçaram desde sempre por atrair, fixar e desentranhar amor por esta terra aos forasteiros, e nós neste momento estamos a recordar o Antonino Borda, a Família Sampaio e Castro, a Mitó e o Barros Lima, deixando para o fim, porque os últimos são os primeiros, o Grupo dos Amigos de Fão, máximo, o seu primeiro Presidente, Capitão Jorge Larcher. Foi na década de trinta (finais). Jorge Larcher pensou em como fixar os raros veraneantes que vinham até Fão nos meses de banhos e em como deveria proceder para atrair mais gente à «*little piece of Eden*»; criou então os Amigos cuja actividade era promover o desenvolvimento de Fão, entreter e fixar os banhistas e fundamentalmente criar neles o gosto por esta terra singular.

Se bem o pensou melhor o fez e o Grupo dos Amigos de Fão foi durante muitos anos foi o principal agente propagandista das belezas de Fão; entreteve e dinamizou a colónia balnear, serviu de sala de visitas e de sede de lazer para tantos quantos nos visitavam em Agosto e Setembro, desenvolvendo neles um amor imperecível pela terra.

(Continua na página 2)

O PERFIL DE HOJE

Por ÓSCAR FANGUEIRO

DR. FLÁVIO GONÇALVES



(Continua na página 2)

Foi com certa mágoa que tive conhecimento através do n.º 37 de «O Novo Fangueiro do súbito falecimento do meu bom amigo, Prof. Dr. Flávio Gonçalves.

Era um homem bom, um grande trabalhador da cultura, um investigador e um historiador da Arte.

Dedicou cerca de trinta anos da sua vida à investigação, dispondo de um ficheiro constituído por milhares de fichas, que resultaram das suas investigações.

Planeava fazer um grande trabalho de publicação nestes últimos anos, quando a saúde lhe começou a faltar, o que constituía para ele, uma grande mágoa da sua vida.

Ele tinha aprendido alguns segredos do mundo da Arte com o Prof. Dr. Roberth Smith.

MINISTRO DO TRABALHO EM FÃO

INAUGURADOS A CRECHE E JARDIM INFANTIL

Deveria, também, referir aqui os Órgãos Autárquicos Locais, mas que, afinal, não vejo presenetes.

Permita-me, Senhor Ministro, que registre o meu reparo.

O Concelho de Esposende sempre respeitou, e respeita todos aqueles que, oficialmente, traduzem a escolha feita democraticamente pelas populações.

É este um acto oficial a que V. Ex.ª, senhor Ministro, preside, como membro do Governo. Verifica-se que foram convidadas entidades representativas da vila de Fão. Não vejo, no entanto, qualquer representante dos Órgãos Autárquicos Locais, e lamento-o profundamente.

Impera neste concelho a paz e o

diálogo entre todos os legítimos representantes de cada uma das freguesias que o constituem, sem discriminação ou facção política.

Não está certo que se confundam os homens com os cargos oficiais que ocupam; não está certo que se pretenda marginalizar quem, por direito democrático, representa uma localidade, pese embora toda e qualquer razão que eventualmente possa existir. Perdoo-me, Senhor Ministro, mas é de justiça que se faça este reparo dado que não é justo, nem é correcto, que razões pessoais se sobreponham às obrigações de carácter oficial.

(Continua na página 4)

EDITORIAL

(Continuado da página 1)

Os tempos mudaram, porém, o circunstancialismo de outrora foi modificado, e o grupo dos Amigos de Fão vive a contagem com a sua própria sobrevivência.

No entanto as mesmas necessidades de outrora mantêm-se. Queremos dizer que Fão dispõe de mais banhistas que em tempos idos, provenientes de várias nacionalidades. Era preciso dinamizar esta gente, entretê-la, desencadear nela o gosto pela terra, fazê-la suspirar por um novo ano passado em Fão, lançar a diáspora dos amigos de Fão e que essa diáspora se espalhasse pelos quatro cantos do País e do Mundo para que novos Eds surgissem e crescessem cartas tão amigas.

Para isso era necessário criar ou escolher um dinamizador que convivesse de perto com os veraneantes, estabelecesse um programa de ocupação dos tempos livres, porventura em coordenação com os Serviços de Turismo e até dos hotéis e sobretudo fizesse nascer nos visitantes um certo amor e uma certa simpatia por esta terra.

Esse dinamizador teria que possuir um perfil que englobasse as características das pessoas atrás citadas tais como dinamismo, fidalguia de trato, imaginação, simpatia e capacidade de doação. Bem sabemos que encontrar essa personagem num espaço geográfico tão limitado torna-se difícil e nós lançamos daqui um repto ao nosso amigo Luís Viana para o encontrar porque em boa verdade um dinamizador cultural em Fão precisa-se.

Dr. Flávio Gonçalves

(Continuado da página 1)

Entregava-se com extrema dedicação à execução do Boletim Cultural da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, sacrificando a publicação dos seus trabalhos de História e Arte.

Apesar de doente, continuou a dar aulas na Universidade, independentemente do sofrimento que sentia.

Curiosamente, considerava-se um fangeiro e por vezes um poveiro.

Reunia-se num café da cidade do Porto, uma vez por semana, com alguns amigos ligados à Cultura.

Em jovem, teria tido um comportamento alegre, o que contrastava com a sua actual maneira de estar na vida.

Sentia, que não lhe mostravam suficientemente, o reconhecimento pela colaboração que oferecia, na publicação do já referido Boletim Cultural.

A sua elevada visão da Cultura, levava-o a estar disponível, para dar conselhos aos que se iniciavam em tal empreendimento.

Era um homem de grande simplicidade, mas um pouco solitário.

Não se aproveitava da investigação de outros, como por vezes ocorre nos meios culturais.

Legou parte do seu espólio às entidades a quem interessa a matéria constante do seu arquivo.

Assim, pôs à disposição dos investigadores o seu profícuo trabalho, que deverá ser continuado com o auxílio das entidades competentes, que têm a seu cargo a Cultura deste país.

Continuar a sua obra, será pagar a dívida que o país lhe deve, e que este Homem da Cultura merece, com o mais vivo reconhecimento.

Bemvindo, Rouxinol!

Mais uma vez o Rouxinol, jornalzinho das Escolas Primárias, saiu à rua e fez uma visita à nossas casas.

Pode dizer-se que ele reflecte a vida da escola e de igual modo a vida da terra. Há ali boas reportagens, boas observações, sentido crítico. Futuras jornalistas, em suma.

Com a devida vénia transcrevemos:

«AO SABOR DA IMAGINAÇÃO... SOU UM PATO

Eu vivo no lago, tomo banhos maravilhosos. Quando nasce algum filhote é logo baptizado nas águas do lago. Mais tarde aprende a nadar.

Quando é grande o pato tem filhinhos e nós morremos. É pena morrer, via-se os filhotes casar! É tão bom ser pequenno... é a vida.

Não gosto que me façam mal porque eu também não faço mal a ninguém. Eu sou um inocente. deviam ser patos. É tão mau... Quando forem a algum lado que tenha patos, não atirem pedras. Pensam que não magoa?

É bom ser menino, é bom ser avó, é bom ser avó, é bom ser mãe, é bom ser tudo. Eu sou pato, não sei se é bom.

A minha mulher cria os filhos muito bem e a vossa?

no caso dos seus pais, perguntem-lhes.

GUSTAVO
2.º ano/1.ª fase»

DISCOTECA RIO'S CLUB

NO dia 3 de Julho inaugurou-se no Hotel do Pinhal a renovada discoteca, antigo salão do rés-do-chão, que tem o nome de RIO'S CLUB, sob a responsabilidade de Joaquim Nóvoa, da Póvoa de Varzim.

Aos inúmeros convidados presentes foi oferecida à 1,30 da madrugada uma bem servida ceia que incluía um arroz de pato de se lhe tirar o chapéu.

Entre os presentes encontravam-se o Director de «O Novo Fangeiro» e o Presidente da Junta, Luís Viana, uma prova de consideração que nos apraz registar.

Ainda por iniciativa de Aníbal Soares encontram-se ancorados junto ao Fojo alguns barcos a motor que efectuem passeios às Açudes que são verdadeiramente fascinantes.

Poucas pessoas conhecem as maravilhosas belezas que o nosso rio encerra pelo que daqui incitamos a um passeio pelo rio acima.

Artur dos Santos Barbosa

Morreu no Hospital de Viana o poeta Artur dos Santos Barbosa, natural da freguesia de Mujães, Viana do Castelo.

Lembramos que Artur Barbosa esteve há menos de um ano, numa reunião rotária do Hotel do Pinhal, onde deu um recital de poesia. Foi uma noite maravilhosa aquela que a todos proporcionou.

Era colaborador do nosso colega «O Vianense» onde mantinha uma apreciada secção; «Diz o Zé que...»

Que descanse em paz.

Ao jornal «Vianense» as nossas condolências.



O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857

(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.



UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

estamos a construir um banco do futuro

O chamado «Ouro Negro» não tinha só «Chininhas» não!... tinha embrulhos de pó e amargos de boca, não poucos... à mintura!...

Cont. do número anterior

— O companheiro concordou, desembrulhou um papel branco, fez a mesma operação que o parceiro e disse: «Este não tem mais de dezoito...»

Todos os meus sentidos, foram para as palavras e gestos daqueles homens. Eles apenas tiveram tempo de meter tudo nos bolsos, quando o mesmo empregado se lhes dirigiu:

— O senhor Engenheiro está à vossa espera.

A entrevista foi rápida e os homens saíram aparentemente bem dispostos... foi a minha vez para ir ao escritório. Fui acompanhado até à porta. O senhor Engenheiro ao ver-me, levantou-se da secretária que ficava em frente, cumprimentou-me e convidou-me a sentar.

Habituação como estava a jogar um pouco de «sintético» sem pestanejar, confesso que fiquei bastante perturbado...

— A carta que o vosso amigo me escreveu conta maravilhas a seu respeito e diz que nunca encontrou quem tanto merecesse tão grandes elogios... não obstante eu sou obrigado a fazer-lhe algumas observações:

De certo que o senhor conhece o artigo a fundo?

— Não senhor Engenheiro. Conheço-o superficialmente.

— Modéstia meu caro... a palavra em referência está sublinhada na carta do seu amigo. Como o senhor não pode perder tempo, nem eu, vamos ao que muito interessa a ambos: Por favor, segure neste papel. Já viu o que está dentro?

— Suponho que é volfrâmio... digo assim porque há muita gente que frita areia para enganar os compradores...

Peguei num pouco de pó, deitei na palma da mão, e disse:

— O senhor Engenheiro quer saber a impureza, não é verdade?

— Exactamente. Quanto?...

Deitei um pouco de pó, depois saliva, esfreguei e respondi:

— Onze ou doze.

— Quer-me parecer que nada mais era preciso; mas já agora quer dizer a impureza deste?...

Tratava-se do «papel branco». Fiz a mesma operação e respondi:

— Dezoito.

— Deve ter mais... — três toques na campainha e apareceu o motorista. — Pegue nestes papéis e vá à separadora e telefone dizendo a quantidade de impureza do branco e do mais escuro.

Pouco mais de meia hora, que me pareceu tempo a mais, ouviu-se o telefone.

— «Você acertou em cheio». Quanto dinheiro quer levar? Cem contos?

— Não. Metade. Quando trouxer a primeira remessa levo mais.

— Tem onde levar o dinheiro?

— Não, vai num jornal.

Boa sorte e dê um abraço ao Júlio. Diga-lhe que estou informado de que os proprietários dos terrenos não têm licenças para explorar volfrâmio e sendo assim, Esposende tem guias mesmo sem ter concessão. A propósito: com que carro vai trabalhar?

— Em Esposende e Fão com o do meu amigo. Quando trouxer volfrâmio, alugo carros.

— Você precisa de trabalhar com um carro «potente» e, quando vier vai comprar um carro. Eu pago metade e o senhor vai descontando a outra metade nas suas comissões. O volfrâmio que vinha dos lados de Viana tem que passar como contrabando e

desses lados só fica coberto dentro da minha separadora.

Vim para casa contente, mas sem desprezar um mundo de responsabilidades que trazia às costas...

Quando cheguei fui contar ao meu amigo o que se tinha passado.

— Sendo assim vamos ganhar uns cobres não acha?...

— Quer-me parecer que sim; mas eu vou passar sem dormir umas noites e rebentar com o coração... paciência!... A vida exige das pessoas o que podem e até o que é quase impossível. Seguidamente fui ultimar obras que não podiam ser entregues sem a minha revisão; o que levou até às três horas da manhã. Às dez levantei-me e fui para a mina do Adolfo, como era conhecida.

— O senhor Heitor está?...

— Não, foi a Braga com o Presidente da Câmara. O senhor vem comprar o volfrâmio?...

— Venho.

— Tínhamos aqui cem quilos que era para o senhor mas...

Delães, 27/4/87

Cont. no próximo número

ANTÓNIO AGONIA PEREIRA

Transmissão de tarefas do Clube Rotário

No passado dia 19 de Junho realizou-se a transmissão de tarefas do Rotary Club de Esposende. Isto quer dizer que o Conselho Director presidido por Manuel Silva foi substituído por outro elenco presidido pelo nosso conterrâneo dr. Manuel Alberto Vale.

Uma cerimónia desta é sempre considerada um tempo de balanço: analisar o que foi feito; perspectivar o que se pensa fazer. Manuel Silva realizou o que se pode considerar uma presidência notável. Estamos a lembrar o Seminário sobre Agricultura, uma conferência dedicado aos Bombeiros do concelho, um encontro sobre Droga, entre outras realizações.

Alberto Vale pensa prosseguir nas acções destinadas à comunidade e relançar o Clube no desenvolvimento do seu quadro social.

Apareçam representantes de muitos clubes: Vila Verde, Famalicão, Braga, Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Ermesinde, Guimarães, Ponte de Lima, Barcelos e Viana do Castelo, o que representa consideração pela agremiação esposendense.

Estiveram presentes ainda a Presidente da Câmara, o Arcipreste do Concelho e o representante do Lions Clube.

Foi admitido um novo rotário, Albino Ribeiro de Sá, apadrinhado por Faria Ferreira.

Vários oradores usaram da palavra tendo destacado sobretudo o próprio ano rotário desenvolvido pela Direcção.

Parabéns a Manuel Silva. Felicidades a Alberto vale.

Retalhos de Poesia Minha cidade deserta

*Minha cidade deserta
De misérias e maldade
Só tens as portas abertas
P'ra nela entrar a amizade...*

*Essa força que une os homens
P'ra ficarem de mãos dadas.
Minha cidade sem ruas,
Minha cidade sem casas!*

*Minha cidade sem trevas
Com lampeões de luar.
Onde a luz do sol aquece,
Os que lá querem morar!...*

*Sem casebres, sem mendigos,
Sem crianças sós e nuas.
Sem cadeias e sem grades,
Minha cidade sem ruas!*

*D'alicerces sem cimento
Projectos de liberdade...
Feita só no pensamento,
Feita só de humanidade!*

CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

DOENTES

Com total sucesso foi operada a uma vista na cidade do Porto a nossa prezada amiga, Rosália Gonçalves Didier.

Folgamos com a bem sucedida operação que veio trazer à Zairinha uma nova alegria de viver. Parabéns.

INAUGURADOS A CRECHE E O JARDIM ESCOLA

(Continuado da página 1)

Foi exactamente com estas palavras que a Presidente da Câmara, Prof.^a Laurentina Torres, iniciou a sua intervenção no Salão Nobre do Hospital por ocasião da visita que o Ministro Mira Amaral fez a Fão no dia 22 de Junho para inaugurar, diríamos oficializar, a Creche e o Jardim Infantil, situados no Campo de Santa Bárbara, e que são da responsabilidade da Santa Casa da Misericórdia local.

Aquela autarca, diante do titular dos Assuntos Sociais do Governador Civil de Braga, do Presidente da Delegação regional da Segurança Social e demais convidados referia-se concretamente à ausência do Presidente da Junta de Fão que expressa e intencionalmente não fora convidado pela Direcção da Santa Casa para estar presente numa cerimónia em que intervinham altas autoridades do concelho, do distrito e da nação. Não sabemos a impressão que o ministro levou deste incidente, mas que estas coisas, íamos chamar vinganças não prestigiam ninguém, isso é uma verdade.

Todo este diferendo vem já de muito longe, dos tempos do Eng. Losa e prende-se com a cedência dos terrenos para a construção do edifício (há quem pretenda ver questões partidárias pelo meio). Por ocasião da visita de uma entidade ministerial, a Santa casa de Fão aproveitou o ensejo para matar dois coelhos de uma vez; nem convidou o Presidente da Junta de Fão, Luís Viana, nem a Presidente da Assembleia Municipal, nossa conterrânea, com muita honra!, dr.^a Rosa Torres para as cerimónias.

Sem querermos dar razão a A ou B, sempre diremos que em certas altura razões há, as chamadas por analogia razões do estado, em que se deve usar de um certo espírito de magnanimidade, de concórdia e de tolerância. Seria para Fão algo honroso que o Ministro levasse da terra uma imagem mais nobre do que aquela que levou civada concertada de ódios, de vinganças, de vaidades feridas. E isto cá para nós: gerir ou presidir a

uma Santa Casa (já repararam na antinómia?) não é a mesma coisa que ser dono de uma fábrica. Com efeito, o proprietário único de uma empresa é senhor e mandador e em festas e inaugurações, convida quem muito bem lhe apetecer, sem dar cavaco a ninguém. Pode porque manda. Já o presidente eleito de uma agremiação deve transmitir ao seu mandato a vontade dos seus eleitores e não pode por isso satisfazer os caprichos pessoais, não respeitando a vontade da maioria. Muita gente que votou no actual Provedor votou igualmente no Presidente da Junta e esses votantes foram agora desfeiteados tanto quanto o foi Luís Viana que nas últimas eleições autárquicas recebeu um número significativo e inquestionável de adesões.

Costuma dizer-se que o ódio velho não cansa e numa terra tão pequena e com tanto ódio não se vai a parte nenhuma.

Com estas cogitações íamos esquecendo a inauguração propriamente dita. Pois o dr. Mira Amaral chegou por volta das 12,30 horas e logo passou revista à formação dos Bombeiros Voluntários de Fão que ali se encontravam sob o comando de Fernando Vilar. Muito garbosos estes moços. Seguiu-se uma pequena sessão de cumprimentos em que usaram da palavra Carlos da Palma Rios, na qualidade de Presidente da Assembleia Geral que apresentou as boas vindas; Celestino Faria de Moraes, Provedor, que fez o elogio da acção iniciada pela provedoria do P.e Avelino Borda, revelou a acção prestimosa do corpo clínico e lamentou a falta de auxílios financeiros para a consecução da obra. A autarca concelhia, para além do prólogo inicialmente apresentado, referiu-se aos desproporcionados subsídios que têm contemplado as duas Misericórdias concelhias. Finalmente o Ministro lembrou os auxílios prestados pelo Governo às comunidades locais para reforço e valorização do património colectivo.

Seguiu-se depois uma visita ao local de Santa Bárbara onde a comitiva ministerial

pôde observar a Creche e o Jardim Infartil em plena elaboração que, segundo nos informou Abel da Costa, são já pequenos para as necessidades da terra, uma vez que só tem capacidade para 80 crianças. O facto de existir um ensino pré-primário a funcionar no edifício Amorim Campos não favoreceu o desjo do Hospital de possuir instalações infantis mais amplas. O arcepreste de Esposende, Rev. Baptista de Sousa, benzeu as novas instações.

Para além das entidades oficiais já citadas, assistiram às cerimónias alguns convidados de entre os quais destacamos o rev. Prior de Fão, o P.e Manuel de Faria Borda, P.e Avelino Borda, Prof.^a Maria José Borda Rodrigues, dr. Queirós de Faria, dr. Albino Campos, dr.^a Zélia Moraes, dr. Carvalho Matos; o dr. Manuel Maria representava a Misericórdia e o Jornal de Esposende e o dr. Armando Saraiva, representava o Jornal de Notícias.

Também «O Novo Fanguero», um jornal da terra feito com muito amor, trabalho e dedicação não foi convidado. Mas aqui julgamos que houve esquecimento. E compreende-se porquê: nestas vindas de ministros gera-se sempre grande expectativa e correspondente azáfama; há que estabelecer uma ordem de prioridades para quem vai falar, enfim, são mil e um problemas que preenchem até à exaustão os responsáveis. Impensável, por isso, pensar no órgão noticioso da vila. Vá lá que tiveram tempo de convidar o Jornal de Esposende e com isso já se conseguiu salvar a honra da imprensa regional. É com isso verifica-se à saciedade que o não convite a «O Novo Fanguero» foi mero esquecimento sempre desculpável.

Bem, no final das cerimónias houve um almoço no Hotel Ofir reforçado agora com as personalidades que acompanharam o Ministro ao Centro dos Cursos de Crisandade em Apúlia, uma obra de grande alcance social.

É evidente que a nossa posição crítica não esconde nem ensombra o bom trabalho realizado pela Mesa da Santa casa ao longo dos últimos anos. Temos um Hospital diversificado e muito activo que pode ser apresentado como exemplar. O Jardim Infartil e

(Continua na página 6)

ÓPTICA

Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEITUÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- APARELHOS DE PRECISÃO

création

ARMAÇÕES

OCÚLOS SOL

AZAL

MARGARETH

O mês de Maio estava a chegar ao fim e o pessoal dos hotéis da zona turística de Espoense andava em grande azáfama, nos últimos preparativos, para receber condignamente os turistas — que Agência de Viagens já conhecida traria em vagas sucessivas — grandes animadores da vida da região durante a época de veraneio.

Chegara o último dia do mês e com ele, ao fim da tarde, apareceu a primeira camioneta, a que outras se seguiram, transportando os turistas que iriam ser distribuídos por Ofir e Suave-Mar.

Ao apearem-se das camionetas aqueles grupos — constituídos por pessoas idosas, meia idade, jovens e crianças — mais pareciam bandos de pardais a chilrear por todos os lados, ao verem-se, num repente, perante uma temperatura suave, sem um bulício nas folhas do arvoredado, mar azul completamente calmo e cheio de reflexos solares e, com as ondas, de mansinho, a beijarem as areias finas das praias, onde deixavam depositadas as rendas tecidas pela sua espuma.

Vastidão do mar sem nada que o perturbasse!

Do pinhal enorme e compacto (autênticas agulhas apontadas aos Céus), nem um dos seus ramos se mexia.

A Natureza envolvia o rincão Espoensense com uma paz doce... calma... edénica!...

O rio Cávado, no início da sua vazante, caminhava magestoso e sem pressas a caminho daquele mar amigo, que o agurdava ansioso em o abraçar num amplexo forte e fraterno.

Passados os momentos de euforia, para os mais novos, e de embevecimento, para os mais velhos, lá se encaminharam para os alojamentos que lhes estavam destinados.

De entre os turistas acabados de chegar destacava-se uma jovem, morena, com enormes e profundos olhos negros, boca sensual, andar coleante, que principiou a provocar a cobiça dos frequentadores das «boites dos hotéis».

Desgarrada do grupo em que tinha vindo incluída, parecia encontrar-se só, porque só se deslocava quando para a praia, onde se expunha por completo às carícias do Astro-Rei, quando para as dunas, onde igualmente se expunha numa dádiva total à Natureza, quer ainda para o pinhal, quando entendia ir absorver a plenos pulmões os seus ares puros e são.

Também só, andava no seu caminhar pela praia a gozar as delícias dos maravilhosos poentes, poentes de Suave-Mar, ímpares e convidativos à reflexão, ao amor, à poesia...

Podia ver-se, como Amazona erecta, só, em cima do paredão, apreciando e gozando os fins de tarde que de ali se divizavam, sem paralelo, deixando o seu olhar percorrer todo aquele estuário do Cávado, totalmente cgeio, e onde os últimos raios do sol bailando em graciosos arabescos se despediam num até breve.

Não deixa dúvidas de que Margareth era uma admiradora do belo, e procurava-o incessantemente.

Dos seus admiradores principio a atraír a sua atenção, Rui Pedro, rapaz simples, boas maneiras e que se encontrava em férias em casa da família.

E amaram-se!... E amaram-se sôfregamente!...

Amaram-se pela calma dos pinhais de Suave-Mar e Ofir e praias de Apúlia, onde admiraram os moinhos de vento e a faina da apanha do sargaço, bem como as roupas e apetrechos característicos usados naquele trabalho.

Amaram-se rio acima a caminho do Marachão, lugar idílico, onde os nenúfares e restantes flora aquática se manifesta e desenvolve exuberantemente.



Amaram-se nos fins de tarde e noites cálidas da Barca do Lago, gota de orvalho caída do Céu e incrustada na região de Espoense.

Amaram-se, sem reservas, pelas vertentes do Monte de S. Lourenço, depois de do seu cimo apreciarem um cair de dia. Ao longe, onde o mar se junta ao Céu, o sol a esconder-se, num amarelo-laranja, com os últimos raios já sem forças e a roçarem pelo pálido a tentarem, num último esforço, evitar a penumbras que os encobriria. Ao fundo o casario das freguesias mais próximas já meio encoberto, mas vendo-se ainda a evoluir pelo espaço, em desenhos multiformes, os fumos soltos pelas chaminés. Sente-se o cheiro penetrante exalado pela terra-Mãe em plena gestação, de mistura com o cheiro forte e saudável dos pinheiros e eucaliptos que o rodeiam.

Muito se abarca daquele Monte, tudo perpassando sob o olhar como num filme de excelente policromia.

Voltados a nascente vêm a Franqueira e montes que a circundam. Não fôra já fim de dia e ver-se-ia também o Sameiro e, mais para o sul, o Monte de S. Félix, em Laúndos.

Na sua ronda pela região subiram a Abilheira, admirando os seus moinhos dispersos monte a ima, alguns já abandonados, colhendo a impressão de estarem perante cas-

cata grandiosa a que nem faltava sequer o fiosinho de água de rubeiro próximo, tujo gorgolejar se ouvia no seu saltitar de pedra em pedra.

Nas suas deambulações pela praia fora passando por Cepães, cheio de asas novas e pintadas de cores garridas, o que lhe dá um aspecto de lavado e todo colorido, até chegarem a S. Bartolomeu.

Pena o mês, pois se fosse por fins de Agosto, Margareth assistiria a um espectáculo único, misto de ritos pagão e católico.

A praia coalhada de gente, inúmeras pessoas no mar onde as crianças são forçadas, cheia de medo e aos berros, a tomarem o banho Santo — no colo ou pela mão dos grandes —, banho que consiste em meter-lhes a cabeça por debaixo de três ondas e antecipado pela oferta ao Santo de um frango preto. Ritual do cumprimento da promessa, cujo fim é o de tirar o medo às crianças.

Passaram por Belinho admirando a grande veiga, um dos úberes da região, a caminho da foz do Neiva.

Ali, depois de correrem doidamente pela sua excelente praia e por entre as dunas, descansaram, preparando-se para subirem o rio e deleitarem-se com a amenidade que envolve a Capelinha de Santa Tecla, procurando as sombras das árvores que a rodeiam, de onde exala perfume embriagador e convidativo ao descanso e à contemplação.

E continuando rio acima foram admirando as suas margens repletas de arvoredado, com os seus ramos a vergarem-se até às águas como que numa vassalagem ao poético rio Neiva.

Margareth andava eufórica!

Ao seu desejo de sempre conhecer e apreciar, admirando paisagens e panoramas que seus olhos jamais tinham visto e oferecidos gratuitamente pela região espoensense, juntava-se o amor de Rui Pedro, amor em que ambos eram pródigos e cada vez mais sequiosos.

Entretanto aproximava-se o fim das férias e Margareth sentia-se entristecer.

Rui Pedro dava conta daquele entristecimento e procurava com juras, a par de redobradas carícias, fazer esquecer a Margareth a separação que os esperava, que prometia ser breve.

Já nada porém conseguia tirar Margareth daquela tristeza que aumentava à medida que as férias chegavam ao seu termo.

E chegaram!

Ao despedirem-se, Margareth, de olhos vidrados e agarrada a Rui Pedro, segredava-lhe em voz quase que sumida e embargada: obrigada Rui Pedro, muito agradecida estou. Não pelos momentos de amor que passamos e me fizeste viver. esses, são banalidades que o tempo fará esquecer. mas porque se não fosses tu, Rui Pedro, eu não teria conhecido e enchido os meus olhos de tantas belezas como as que a tua terra possui, difíceis de encontrar noutros lados, e que tão bem me soubestes mostrar. Levo dentro de mim toda a poesia e belezas incomparáveis que o rincão Espoensense contém, bocado de paraíso perdido na Terra!...

INAUGURADOS A CRECHE E O JARDIM ESCOLA

(Continuado da página 4)

a Creche, pelo que nos foi dado ver, desenvolvem já um trabalho notável e o Lar da Terceira Idade é hoje procurado por pessoas de diferentes terras e de diferentes níveis sociais. Não há vagas e isso é um bom sinal. Imperioso, terrivelmente imperioso é agora o arranjo do «Tarrafal». Nós vamos explicar o que é este «Tarrafal» pois muita gente em Fão desconhece a sua existência. Trata-se de uma velha casa (era do Branquinho) com quintal situado na R. dr. Moreira Pinto e que a Santa Casa recebeu por doação testamentária. Lá se acoitam ou são mandados azilar os hóspedes do Lar da Terceira Idade que se revelam menos desejáveis pelo seu comportamento, por serem portadores de taras aleólicas, etc. Dormem ali e vão comer ao Hospital, queremos dizer, ao Lar. Mas o «Tarrafal» não possui aquele mínimo de condições necessárias a uma vida decente. Não existem vidros nas janelas, mas tábuas em sua substituição. Não há luz eléctrica nem água e as camas são cavernícolas. Não dispõe de sanitários, de modo que os seus hóspedes quando de noite são acometidos das chamadas necessidades fisiológicas, saiem ao quintal, e lá se aliviam de qualquer maneira. Isto requer uma certa prática e quando ela não existe pode acontecer o que efectivamente aconteceu ao pensionista Rafael de Oliveira que desconhecendo das sincrosidades do terreno, foi de encontro a umas pedras, caiu, rachou a cabeça e os óculos lá foram para o maneta. Que horror!, di-

ção os nossos leitores e nós reforçamos: é verdade.

De modo que o Hospital com o dinheiro, os muitos milhares resultantes da venda do frondoso pinhal da Bonança deveria dar prioridade ao seu arranjo, queremos dizer, à sua humanização.

★

Disse-nos o nosso amigo Abel da Costa, ilustre Vice-Presidente da Mesa da Santa Casa da Misericórdia, que vai ser criado o lugar de Administrador e que a pessoa que vai ocupar esse lugar será o nosso assinante Joaquim Neves que se tem dedicado de alma e coração ao Hospital. Sem pôr em causa as qualidades da pessoa escolhida, parece-nos ser um assunto de certo melindre e a requerer a realização de uma Assembleia Geral de Irmãos para o tema ser amplamente tratado.

Em nosso entender o cargo de Administrador não deveria ser vitali, mas renovável, embora pago, pois com o andar dos tempos tal cargo consuetudinariamente sobrepor-se-á à função de Provedor e na situação actual nós estamos a ver o Quim Neves como um agente reforçativo das posições da actual Provedor falta-lhe tolerância.

Ora isto será bom para o futuro de uma Santa Casa da Misericórdia?

Queremos dizer na nossa que o título de administrador é ancho demais e que se deveria escolher outro cargo: guarda-livros ou ecónomo com manifesta e declarada dependência de toda a Mesa do Hospital, partindo-se do princípio que o novo posto criado ou a criar é incompatível com as funções de mesário.

EDITAL

JOSÉ MANUEL DE MIRANDA TEIXEIRA BASTOS, Chefe da repartição de Finanças do Concelho de Esposende:

Faço saber que, por um período de 30 (trinta) dias, com início em 20 de Julho de 1987 e termino no dia 18 de Agosto seguinte, estarão patentes para exame e reclamação, as cadernetas de avaliação geral da propriedade rústica co Concelho de Esposende.

Para se assegurar um melhor atendimento dos contribuintes, e tendo em atenção as dificuldades que surgem com a costumada afluência nos últimos dias do prazo, os proprietários serão atendidos, preferencialmente, de acordo com o calendário seguinte:

Dias 23 e 24 de Julho — Freguesias de Vila Chã, Forjães e Antas.

Dias 23 e 24 de Julho — Freguesias de Palmeira de Faro e Curvos.

Dias 27, 28, 29 e 30 de Julho — Freguesias de Belinho, Mar e Marinhas.

Dias 3 e 4 de Agosto — Freguesias de Esposende, Gandra e Gemeses.

Dias 5, 6 e 7 de Agosto — Freguesias de Apúlia e Fão.

Dias 10 e 11 de Agosto — Freguesias de Rio Tinto e Fonteboa.

E para constar, se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares mais públicos do costume.

Repartição de Finanças do Concelho de Esposende, 23 de Junho de 1987

E eu Manuel Lopes Boaventura, servindo de escrivão, o subscrevi.

O Chefe da Repartição
José Manuel de Miranda Teixeira Bastos

IGREJA EM FESTA

No domingo, dia 28, realizaram-se as cerimónias da 1.ª Comunhão e Comunhão Solene em que tomaram parte inúmeras crianças da nossa freguesia.

Houve festa e alegria em muitos lares e... rancho melhorado.

São sempre datas que marcam a nossa infância e que se manterão pela vida fora.

A vasta coleção «Dicionários Editora» acaba de ser enriquecida com a publicação da 6.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa.

Uma obra invulgar para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geralizada, como de especialidade.

Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do apêndice de palavras e locuções estrangeiras.

Dicionários EDITORA

O Dicionário da Língua Portuguesa — 6.ª edição — é o mais desenvolvido do mundo de língua portuguesa, com mais de 100 mil palavras e 100 mil locuções estrangeiras.

FORO EDITORA LDA, Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º - 4100 PORTO
Livraria Armado LDA, Rua de João Machado, 9-11/A - 4100 PORTO
BVP L. PUMBESE LDA, Rua do 2.º de Abril, 100 - 4100 PORTO

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telef. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZENS:

Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647
4750 MATOSINHOS

DESPORTO



PELO FUTEBOL

Realizou-se no dia 4 deste mês uma assembleia geral extraordinária do Club Futebol de Fão que teve reduzidíssima assistência. Foi estabelecida a quota única de esc.: 150\$00. O quadro directivo passa a ter 27 directores efectivos.

De resto pode dizer-se que a equipa já está estruturada, formada essencialmente na base da equipa do ano passado. Os dois guarda-redes já assinaram. Novos jogadores: Valdemar Mota, Serginho (Forjães) e Zico (Esposende). Vão chegar ainda mais dois ou três reforços de Barcelos.

O treinador é Fernando Costa, de Barcelos.

Associação Desportiva de Esposende

Após várias assembleias, foi possível formar um corpo directivo liderado pelo nosso amigo Júlio Garcia Nunes para gerir a Associação Desportiva de Esposende que milita na 3.ª Divisão Nacional.

A tarefa não vai ser nada fácil pois a Direcção actual sucede a uma outra que foi presidida pelo intrépido Dr. João Pulo de quem se disse na última reunião geral: «Deu muito a Esposende; serviu Esposende e nunca se serviu».

Felicidades aos novos directores.

SANCHOS E QUIXOTES DA NOSSA PRAÇA

Do último capítulo, fizemos, caro leitor, uma volta apressada pela vila. Nova e velha. Mais nova do que velha. Esposende transforma-se, cresce da noite para o dia. São casas fim-de-semana, andares-colmeias e pombais que em espaços outrora campos de cultivo e pinhais frondosos passaram a dar dormida e em alguns casos habitação a uma

mais barulho, mais ruídos nocturnos, mais aceleras? Não é verdade que os serviços de socorros aumentam assustadoramente? Olhem só o que se passa com os Bombeiros. A ambulância está continuamente na rua, na estrada... E quem contribui? Quem ajuda a manutenção económica desta e doutras instituições? É preciso que sejamos todos.



população desenraizada. Nada os liga à nossa Terra a não ser a água e luz que pagam mensalmente. Têm uma vida-à-parte. É pena! É preciso motivá-los. É preciso criar-lhes um espaço aberto de convívio e cultura. É preciso uma nova Assembleia. É preciso que se sintam esposendenses. Não basta vê-los na missa dominical ou no café da vila. Também nas festas, no futebol, no cinema, na biblioteca pública. Enfim. Não podemos só dar. Precisamos também receber contrapartidas da nossa hospitalidade. Não é verdade que pagamos, no Verão, tudo mais caro? Não é verdade que os jornais, pão e outros produtos se esgotam? Não é verdade que há

Os nativos e os esposendenses fim-de-semana. Aqui fica o apelo.

Caro leitor, companheiro de viagem, Cávado acima, regressados à marina, o nosso espanto: — uma máquina tenta espoluir o fundo desta cloaca. Pretende-se fazer um pequeno parque automóvel e melhorar o acesso ao rio. Ainda bem. Mas bem pouco. É preciso avançar. Avancemos nós. Deixemos Esposende-vila para trás e uma última olhadela ao sul do estaleiro naval. São pequenos esteiros ou braços de rio, canais ou panos de lama. Uma merdolândia. Cemitério de fogões, plásticos e tudo quanto é lixo se deposita nesta zona aprazível. Mais duas

saídas de regos foreiros. Água colorida. Vermelha, verde, azul. Esgoto colectivo de residências e não só. Por que diabo não se obriga os industriais de restaurantes e outros afins a fazer os despejos de águas residuais em fossas adaptadas e capazes de receber todo o caudal? Por que havemos de ser nós, vizinhos ou utentes a grammar estes cheiros pestilentos?

Continuemos, caro leitor, esta viagem e não esqueçamos uma olhadela à outra banda. O pinhal de Fão-Ofir. Placas proibitivas por toda a parte. De conduzir, de construir, de altas velocidades, de florir, de acampar. Não são para cumprir. Só para inglês ver. Algumas remadas e Esposende ficou para trás. Grandes e extensas coroas de torrão dominam a paisagem. As vacas bucolizam o meio. Muitos pescadores amadores ao longo das margens. Nesta época do ano o rio tem peixe. Mas cuidado! Atenção! Há poços onde a onde. As extracções de areia na margem direita deixam as suas marcas nefastas.

Já se vê Fão. A ponte aproxima-se de nós. À direita, nas trazeiras do Hotel do Pinhal, um clandestino. Uma residência inestética. Um campo de futebol. Amadores de fim-de-semana. Grande profundidade tem aqui o rio! Exclama um companheiro de viagem, desinserido do meio.

— Olha — digo eu — lê aquela mensagem gravada na parede que suporta a estrada de acesso à ponte.

«Ultimato. Retirada do areeiro. Não queremos que continue a cavar a sepultura dos nossos jovens.»

— Mas, então aqui já existiu um areeiro?

— Já. Olha à tua direita. Aquela rede, paliçada e montão de destroços são os restos nefandos que ficaram quais cruces em cemitério a perpetuar duas mortes nesse terrível poço.

Caro leitor. Cheira a Fão. Uma mensagem do Fão contestatário. Sem sinos a rebate como outrora. Fão, as suas gentes refilam, contestam. Umhas vezes com razão, outras não. Mas não deixam os seus créditos por mãos alheias. É gente bairrista que ama a sua terra. Que lhe quer muito. Que sabe receber e dar. Onde cada visitante é um amigo. Onde cada visitante se enraíza. Casa com a terra. Dá-lhe tudo. Ouve as suas lendas, os seus costumes e tradições. Enamora-se e... fica para sempre. Já não parte. É um bocadinho de Fão.

Vamos acostar. Aqui. Junto ao frade do cais. Vamos lembrar um pouco o Fão antigo. O Fão da construção naval, das revistas, dos serões, dos fados e guitarradas.

Ao longe, morre o sol no mar de Fão. O passado acode ao nosso presente. Lembra-nos a letra deste bino fangeiro:

Ó Fão antigo...
Torrãozinho sem igual...
És o mais lindo...
Cantinho de Portugal.

Colaboraram:
Professor e alunos do 11.º ano
da Escola Secundária de Esposende

EXPOSIÇÕES

A Biblioteca Municipal de Esposende vai levar a efeito as seguintes Exposições:

— «Pintura» — Esta Exposição integra obras de dois pintores, um radicado em Esposende e o outro, a viver na cidade do Porto. Estará patente no Salão Nobre da Câmara Municipal de Esposende de 1 a 19 de Agosto e integrando-se nas festas do Concelho.

— «Minho e Galiza: Fauna e Flora» — Esta Exposição integra-se no Ano Europeu do Ambiente e estará patente ao público na Sala de Exposições da Biblioteca Municipal e Gulbenkian de 1 a 19 de Agosto e integrando-se nas Festas Concelhias.

— «Longe da Terra cá pela Serra» — Esta mostra, também fazendo parte do Ano Europeu do Ambiente, é um excelente trabalho do fotógrafo profissional Pereira de Sousa e mostra grande parte do património ambiental de terras de Arouca.

Estará presente ao público durante o mês de Setembro.

— «Imagens do Minho Oitocentista» — exposição de gravuras oitocentistas compiladas por Eduardo Pires de Oliveira. Esta exposição vai itinerar por todas as freguesias do concelho que a solicitarem. A primeira mostra é em Forjães, durante a Semana Cultural e, em Agosto será mostrada no Centro Social de Mar.

— De 8 a 15 de Junho esteve presente na Sala de Exposições da Biblioteca Municipal e Gulbenkian uma exposição intitulada «Artes e Tradições do Nordeste».

— Também na Escola C + S de Forjães, de 15 a 21 de Junho esteve patente uma outra exposição que teve por tema: «Património Cultural do Concelho de Esposende».



o melhor café
é o da

A BRASILEIRA
PORTO

MESA DO HOSPITAL

Pediu a demissão de mesário do Hospital o nosso prezado assinante Manuel Ribeiro Soares.

Lamentamos a sua saída pois a «equipa» da Santa Casa sempre se manteve coesa e dinâmica e sem dúvida que apresentou um trabalho digno de realce. Manuel Soares fez parte da Direcção e merece por isso o agradecimento do povo de Fão.



FÃO DE ANTIGAMENTE

Esta fotografia deve ter seguramente uns trinta anos. Nela podemos ver o dr. Batista (falecido), dr. Alceu (falecido), Eurico Moura (falecido), António Agonia Pereira, Prof. Mário Ramiro, Arquitecto Soutinho, Comte. Eurico Sampaio e Castro (ou dr. José Emílio?, Ilídio Querido, Zeca Barqueira, Arquitecto Rui Moura e Tino Turra.

O local era o Café Galo D'Oiro.

A «GUERRA»

*Maldita sejas tu, ó guerra, e quem te faz
Traíste todos os bens da Humanidade...
Porque não reparas, canero sem piedade,
Que devoras tudo e nada de bom dás...*

*Milhões de desgraçados a estourar
Tantas crianças, de olhar sem alegria!...
Moribundos que a vida vão deixando
E tu, guerra, continuas mã, sombria.*

*Cientistas do mundo: acabem duma vez
Para quê de morte inglória vencer?
Cada invento é mais um rico a morrer
Destruir o mundo não precisa acontecer...*

Delães, 27/4/87

ANTÓNIO AGONIA PEREIRA

FALECIMENTOS

No dia 2= de Maio faleceu no Porto o nosso conterrâneo Manuel Pio Brito Lacerda, irmão de Beatriz (do Pio), grande amiga de «O Novo Fanguelro».

O Manuel Pio trabalhou em Fão numa fábrica de tintas que existiu junto à casa do nosso Zé. Pertencia ao industrial Gomes da Costa, casado com a nossa conterrânea Natalina Costa (Bispa). Quando a fábrica mudou para o Porto, o Pio acompanhou igualmente o patrão e cunhado.

Que descanse em paz.

— Nas Pedreiras faleceu em 24 de Junho Amélia da Silva Villela, mais conhecida pela Amélia Piedade.

Às famílias enlutadas os nossos pêsames.

HOTEL OFIR

Deixou as funções de Director Geral do Hotel Ofir o nosso amigo Fernando Leite que vinha dirigindo aquela estância com muita eficiência e dinamismo. Praticamente pode dizer-se que só com a gerência de Fernando Leite o saldo de gerência do Hotel Ofir se apresentou positivo.

Aliás quem entrava naquele estabelecimento hoteleiro notava que por trás existia um leme seguro: os empregados apresentavam-se irrepreensivelmente vestidos, a decoração sóbria, ambiente limpo, serviço impecável.

Fernando Leite ingressou na Sonae, sector de Hotelaria.

Claro que o Hotel Ofir não vai alterar o ritmo nem o rumo adquiridos.

Para adjunto da Direcção entrou um novo funcionário, José Carrapito que juntamente com o nosso amigo João Luís, vai continuar a prestigiar o nome do Hotel Hofir.

Para Fernando Leite muitas felicidades.



Longa Vida

o que é bom da natureza

O Mundo em que vivemos

HORIZONTES DE ESPERANÇA

O assunto veio há dias no «Jornal de Notícias» e parece-nos digno de referência, até porque representa um novo horizonte de esperança no mundo sombrio da droga. Senão vejamos:

Eram dois jovens namorados, ambos toxicómanos. Até aí nada de especial; seria mais um caso, num número infelizmente já tão extenso. Mas algo de inesperado surgiu: uma gravidez não desejada.

Consciente das probabilidades de um filho de drogados nascer anormal, a primeira reacção da futura mãe foi recorrer ao aborto. No entanto, já começava a amar o pequenino ser que, indefeso e frágil, abrigava dentro de si. E esse amor venceu. Decidiu assumir o risco e deixar nascer o seu filho.

À custa de muita força de vontade, de muitas lutas consigo própria, foi-se libertando da dependência da droga. Ao permitir ao filho o direito à vida, foi também a sua vida que salvou, renascendo do abismo onde caíra.

A criança, veio ao mundo, felizmente sã. O pai, por amor ao bebé, acabou por se

recuperar também para uma vida onde a droga não tem lugar.

Hoje, passados quase cinco anos, o menino já está crescidinho e até já tem um irmãozito! Os quatro formam uma família feliz, que em nada faz lembrar os anos de pesadelo, o tempo sombrio vivido anteriormente pelos pais.

Voltada essa página negra do seu passado, recuperados para a vida, hoje têm um lar calmo e normal, onde ecoam os risos e as brincadeiras de duas crianças felizes.

E, para rematar, ficamos com esta consoladora certeza: o amor, nos seus múltiplos aspectos, é ainda e será sempre a poderosa alavanca capaz de remover montanhas.

Foi o amor por uma criança, ainda em embrião, que recuou os pais, que lhes restituiu a saúde física e mental.

E é também, em muitos outros casos, o amor que prende as pessoas à vida, a esta vida que, feitas bem as contas, parece, afinal, que ainda vale a pena ser vivida!...

E. REAL

PÁGINA JOVEM

Atenção, jovem! Espera só um momento! Não feches já o jornal!

Estas palavras são para ti, pode ser que te interessem... Ora vê:

Nós não queremos que «O Novo Fanguero», que entra mensalmente na tua casa, seja apenas o jornal dos teus pais.

Não! Nós queremos que ele seja também um pouco o teu jornal, um jornal onde tenhas o teu cantinho, onde possas intervir, mandando-nos a tua colaboração: textos, poemas, contos, adivinhas, charadas, desenhos, anedotas, etc., etc., tudo aquilo que gostarias de realizar e que até hoje não tiveste oportunidade de fazer.

«O Novo Fanguero» vai dar-te essa oportunidade, criando para ti uma secção: — a Página Jovem.

Aproveita-al! Escreve-nos. Não desperdices as tuas aptidões, as tuas capacidades.

Vem ocupar o teu cantinho! Nós ficamos à tua espera.

A página terá o patrocínio da Impetus, empresa do nosso amigo Figueiredo, de Apúlia.

PELOS BOMBEIROS

Duas novas ambulâncias foram adquiridas pelos nossos Bombeiros, uma oferecida pela Câmara; outra comprada pela Corporação.

Quando as agremiações trabalham a sério, os resultados vêm-se. O parque automóvel da Corporação dos voluntários de Fão é já considerável.

Assembleia de Freguesia

Sob a presidência do Eng. José Manuel Teixeira Costa realizou-se no último dia 4 uma reunião da Assembleia de Freguesia.

Creemos que a intervenção mais importante partiu do dr. Madureira que se insurgiu contra o facto de algumas decisões virem já definidas da Câmara Municipal sem terem em conta a opinião dos munícipes nomeadamente da Assembleia de Freguesia. Foi o que aconteceu aliás com as célebres e ridículas lombas da Avenida António Veiga.

Foi uma surpresa para Fão e uma praga para os automobilistas. A este propósito a Assembleia mandou a Junta para que esta providencie junto da Câmara para que as tais lombas sejam retiradas no espaço de oito dias.

Amândio Caramalho

Pelo falecimento de sua sogra, Belarmina Marquês Garcia, encontra-se de luto no Brasil, o nosso prezado amigo e maior amigo do nosso jornal, Amândio Caramalho. Era a querida vóvó com quem o Amândio conviveu 48 anos que deixou em toda a família profunda saudade.

O caro Amândio enviou-nos entretanto os parabéns pelo nosso 3.º aniversário, lamentando-se de não o fazer atempadamente, pois «como sabes o vosso jornal faz parte da minha vida».

Temos entretanto notícia de que este nosso prestigioso amigo visitará Fão ainda este ano o que será motivo de muita alegria para todos.

Um abraço apertado, cara.

AUMENTE O SEU

Colesterol!

Esperamos que o colesterol se mantenha subido, como se impõe...

Para ajudar, aqui vai a receita de um

COELHO À JARDINEIRA

Depois de limpo das vísceras, corta-se o coelho em bocados e põe-se numa caçarola, juntamente com rodelas de cebola, batata, cenoura, ervilhas, nabo, um ramo de salsa, e tempera-se com sal e pimenta.

Cobre-se com água, tapa-se bem a caçarola, deixa-se ferver cerca de 3 horas e meia, até desaparecer a calda.

Os legumes são então retirados da caçarola, passados pelo passe-vite, e junta-se-lhes um pouco de manteiga, formando, assim, uma massa.

Entretanto, corta-se toucinho aos pedacinhos e põe-se a alourar, e, quando estiveres loiros, deita-se o coelho, para alourar também.

Serve-se em prato fundo, colocando o coelho sobre a massa obtida com os legumes.

E para os mais gulosos, aqui vai o

PUDIM DE ABÓBORA

Açúcar refinado — meio quilo.

Abóbora — 1 quilo.

Canela — um pau.

Ovos — 8 gemas.

Farinha de trigo — 1 colher de sopa.

Raspa de limão — q.b.

Deita-se num tacho o açúcar, a abóbora e o pau de canela, não deitando água, e deixa-se ferver até ficar numa massa espessa.

Deixa-se arrefecer um pouco, untando-lhe então as gemas, a farinha e a raspa de limão.

Mexe-se um pouco, até ligar, e vai a cozer ao forno, em forma untada com manteiga.

Que tal, senhores lambareiros?...

Um abraço da

TIA MARIQUINHAS

NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saralva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Armando Saralva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Armando Duarte
Rui Agonia Pereira
Oscar Fanguero
Zinha

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Sarsiva
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 694318
4480 Póvoa do Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 500\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através de «Os Correios» será por conta do assinante.



Da minha

varanda

por ZINHA

E o Sant'António saiu à rua!
É verdade, depois de vários anos em que a festa a este Santo se não realizou, ei-la que surge a chamar os saudosistas, a convidar a atirar a pedrinha, a viver de novo o salto aos cântaros.

Este ano, até havia programas! E no dia 13, sábado depois da procissão da Senhora de Fátima, com um vento frio de arrear, muitas pessoas não arredaram pé, pois «as marchas» iam passar.

E aí vem «a dos pequeninos», toda apressada e sorridente apesar do frio que, por certo, lhes trespassava os corpinhos. Muito aplaudida, lá segue em direcção ao recinto, onde se iria exhibir. E cada uma das outras por sua vez se seguiu, com razoável acompanhamento.

Até à porta do Cemitério, o caminho mais alargado, com melhor piso, fez-nos recordar outras festas em que por ali mesmo se saltava de pedra em pedra por causa das poças de água e se tinha cuidado com os abundantes excrementos do gado que por ali transitava diariamente. Depois, por vezes, a roupa ficava presa às silvas que ladeavam esse caminho e que ostentavam amoras que iam tirando e comendo, carregadinhas de pó, limpo à pressa, mas que nunca fizeram mal, posso garantir.

A partir do portão do Cemitério, o caminho é praticamente semelhante ao de outros tempos, estreito e de piso irregular.

A Capela, hoje, de cara pintada, muito fresca no interior, com altares e andores bem arrançados, mostrava a dedicação dos devotos a Santo António.

E o boi do Fogo? Pois também apareceu, por volta da meia-noite, depois de se terem vendido, muitos, mesmo muitos martelinhos que se ouviam ininterruptamente.

Ficámos para ver, não sem certo receio...

O animal estava concebido e investia contra as pessoas que fugiam assustadas com a luz e os estouros das bombas que tinha dentro, mas, de vez em quando falhava o sistema, e lá era preciso a mão dos técnicos... De qualquer modo foi interessante, é de louvar o esforço de repôr o antigo, e para o ano será melhor, tenho a certeza.

no domingo, houve a Missa e à tarde a Procissão que veio até à Vila, com alguns ahjinhos a desistir pelo caminho, muitos pais a acompanhar e a música a solenizar. Acabadas as cerimónias religiosas, novamente o toque dos martelos e para refrescar em lugar dos pilotos de bolinha de vidro de antigamente, muitos Epás e Olás...

E foi então, com as gentes todas arrumadas junto aos muros, que começou o partir dos cântaros em que as personagens principais eram «os maiores» da nossa terra. Foram quatro os cântaros, com coelhos, um com um frango, e o último dedicado à criançada, com amendoins e serrim à mistura. A espada devia ser a mesma, o interesse plos amendoins é que

se notava já não ser o mesmo, talvez fruto dos tempos...

E acabou aqui a festa? Ainda não!

Num campo ao lado da capela, preparou-se para actuar o conjunto fanum (ntigo Seara Verde). Abridados, já ao entardecer, não faltaram logo os pares de dançainos, novos e velhos! Esquecidas as raparigas das suas vestimentas complicadas, das valentes rachas das suas saias, dos sapatos que antigamente eram só para grandes solenidades, aí se desfaziam elas, plenas de entusiasmo, calcando a erua que iria servir de pasto ao gado!

Não é, afinal, Santo António, o casamenteiro?

UMA CHÁVENA DE CAFÉ

por MARIA ARLETTE S. F.

Há dias, numa reunião de Conselho de Turma, isto é, composta pelos vários professores de diversas disciplinas, que os alunos duma turma têm, uma colega contava um caso passado com uma jovem, numa aula sua. Estavam em causa os vários Organismos Mundiais de Solidariedade humana. A aluna mostrava-se desinteressadamente, rascunhando bilhetinhos com mensagens de encontros possíveis e extra-escola a uma outra aluna. A professora, desencantada com tamanho desinteresse, pois a jovem era de um ano terminal do Curso Complementar, logo uma mulherzinha, com seriedade perguntou-lhe: — A Liliana (nome fictício da aluna) considera sem interesse esta temática e também a finalidade destas Organizações? A aluna, calmamente, retorquiu com a seguinte resposta: — Olhe senhora doutora, quando tiver a sua idade, preocupo-me com esses problemas sérios. Até lá, deixe-me gozar a vida.

Que lhe respondeste?, perguntei eu. — «Encolhi os ombros. Para tal resposta não há nada a fazer.» Os meus outros colegas riram-se e relataram situações idênticas e que pelos vistos aceitavam já como generalidades e normais.

Fiquei a pensar e ainda hoje neste pequeno café considero que o procedimen-

to não foi correcto. Quando alguém põe algo em causa, deve ter capacidade de resposta, uma alternativa e nunca um encolher de ombros. Como se procedeu é que não está certo.

Conto-vos isto porque a maioria de nós tem filhos e tudo o que se refere à educação tem a ver com a família e a escola. Se pensarmos bem, o papel do professor, hoje é mais, ou deve ser, relevante neste domínio, cujos familiares, acabam por estar menos tempo com os seus educandos por motivos profissionais, que a própria escola. Daí o grave erro de encolher os ombros. À escola e ao professor, cabe-lhe em grande parte o desenvolvimento científico e cívico do aluno.

Assim, pelo raciocínio desta jovem, quando for da idade da sua professora, não se preocupará com coisas sérias. Tudo nela será superficial. Vendo pelo lado mais positivo, talvez venha a ter um certo dinamismo e, em alturas esporádicas como as que vivemos no presente, venha a servir de «décor» em campanhas eleitorais. Talvez seja o seu papel. Um papel frustrante, mas, confessemos, cujas raízes profundas, teimam em dar frutos e prevaleçam para gáudio de muitos, certeza.

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO